

Teologia Fundamental, uma disciplina voltada ao diálogo: breve percurso histórico na perspectiva de Pié-Ninot

Fundamental Theology, a subject turned into the dialogue: a brief historical journey from the perspective of Pié-Ninot

LUIZ CLÁUDIO MORAES CORREIA *

Resumo: O presente artigo discorre sobre as evoluções da história e do significado que a disciplina de Teologia Fundamental foi adquirindo ao longo do tempo, desde quando surgiu outrora com o nome de *Apologética*, num contexto histórico específico, até o entendimento atual de uma disciplina que trata os fundamentos da fé assumindo, daí, um escopo ampliado com o nome de *Teologia Fundamental*. Percebe-se que o sentido original, entendido como a “defesa da fé”, foi se transformando e ampliando ao longo do tempo até chegar aos fundamentos da própria Teologia, abarcando, não tanto uma defesa da fé, mas uma credibilidade na fé da Igreja Católica. Nos dias atuais, por vezes, a disciplina tem seu escopo ainda mais ampliado, voltada a facilitar o diálogo ecumênico e o diálogo interreligioso. Tal desenvolvimento histórico se passa na perspectiva das obras de Teologia Fundamental do teólogo espanhol Salvador Pié-Ninot.

Palavras-chave: Teologia Fundamental. Salvador Pié-Ninot. Apologética. Credibilidade. Igreja Católica.

Abstract: This article discusses the historical and meaning evolution that Fundamental Theology subject has been acquiring over time, since when it emerged named as *Apologetics*, in a specific historical context, until

* Luiz Cláudio Moraes Correia é mestre e doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio. Possui MBA em Gestão Empresarial pela FGV-RJ e graduação em Ciências Religiosas pelo Instituto Superior de Ciências Religiosas da Arquidiocese do Rio de Janeiro (ISCR-RJ) e em Engenharia Eletrônica pela UGF-RJ. É docente na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ). Contato: luiz.claudio@professor.fsbrj.edu.br

the current understanding which deals with the faith basis, assuming an expanded scope as *Fundamental Theology*. It is clear that the original meaning, understood as a “faith defense”, was transformed and expanded over time to reach the foundations of Theology itself, including, not so much a faith defense, but a credibility in the faith of the Catholic Church. Nowadays, sometimes, this subject is extended to a larger scope, aiming to facilitate ecumenical and interreligious dialogues. Such historical development happens in the perspective of the works on Fundamental Theology of the Spanish theologian Salvador Pié-Ninot.

Keywords: Fundamental Theology. Salvador Pié-Ninot. Apologetics. Credibility. Catholic Church.

Salvador Pié-Ninot e a disciplina Teologia Fundamental

Um dos maiores teólogos na atualidade é o espanhol Salvador Pié-Ninot, docente emérito da Pontificia Universidade Gregoriana de Roma, tendo também lecionado na Faculdade de Teologia da Catalunha, em Barcelona, na Espanha. Com suas publicações, principalmente nas áreas da Teologia Fundamental e da Eclesiologia, ele tem dado valiosas contribuições à Teologia¹.

No tocante à Teologia Fundamental, Pié-Ninot define esta como “uma proposta de sentido para caminhar ‘sob o limiar do mistério’, como as mulheres no primeiro dia de Páscoa” (2009, p. 7)². Dentre suas obras mais relevantes, encontram-se *La Teología Fundamental* (PIÉ-NINOT, 2009, 711 p.) e *Teología Fundamental* (PIÉ-NINOT, 2016, 385 p.), as quais expressam a essência, o propósito, as partes

1 Pié-Ninot participou como perito na preparação do Sinodo dos Leigos em 1987 e no IV Simpósio Luterano-Católico em 1988. Foi nomeado por Bento XVI, então Papa, como assessor teológico e perito nos Sinodos dos Bispos de 2008, sobre a *Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, e de 2012, sobre a *Nova Evangelização e a transmissão da Fé cristã*. Desde julho de 2013, é pároco da Basílica de *Santa María del Mar*, em Barcelona (cf. CARBONELL, *Salvador Pié-Ninot, sacerdote, teólogo y educador*, In: ORTEGA; CARBALLADA, 2015, p. 23). Pié-Ninot esteve recentemente no Brasil quando proferiu a conferência de abertura do 1º Simpósio da *Sociedade Brasileira de Teologia Sistemática* (SBTS), realizado no Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, em 2017.

2 Em sua definição, Pié-Ninot faz referência à obra *Semana Santa* de Salvador Spriu (*apud*: PIÉ-NINOT, 2009, p. 7): “Quem nos trará um vaso novo, quando o grande silêncio se espalhar durante a noite? Mulheres fiéis, unidas em pranto, em vigília pelo amanhecer, se empenham a caminhar sob o limiar do mistério”.

e os aspectos diversos da Revelação cristã, analisados sob a ótica da Teologia Fundamental.

Uma de suas mais notórias contribuições reside na apresentação de um esboço histórico sobre o surgimento desta disciplina básica para o estudo da Teologia, pois, precisamente, se presta a estudar as bases da fé. Outrora conhecida pelo nome de *Apologética*, e atualmente chamada *Teologia Fundamental*, esta visava fazer uma defesa da fé (apologia) frente aos desafios de cada época, os quais solicitavam respostas convincentes sobre o ato de crer em face da Revelação de Deus à humanidade, cujo clímax foi realizado em Jesus Cristo. Logo, a Apologética se voltava para o fato de ter de embasar o ato de crer na Revelação Cristã e, em consequência, também na Igreja fundada por Cristo, entendida, por razões históricas, como sendo a Igreja Católica Apostólica Romana. Para tal, diversos teólogos buscaram elaborar seus estudos buscando os fundamentos que serviriam de base para a Teologia Fundamental. Tal percurso será brevemente apresentado conforme o que nos evidencia Pié-Ninot em suas obras sobre a temática desta disciplina.

Das origens até os fundadores da Teologia Fundamental (século XIX)

Pié-Ninot inicia sua história sobre a disciplina de Teologia Fundamental destacando a perícopos de 1Pd 3,15 como aquela que serve de base para a Teologia, pois tal citação evidencia a função apologética de defesa da fé cristã em si mesma, própria de um testemunho de fé capaz de “dar razões de nossa esperança”³. Sem se alongar sobre esta citação, Pié-Ninot fala sobre vários Padres da Igreja, apresentando-os como aqueles que primeiro evidenciaram a função básica da Apologética, que é a de dar razões daquilo em que criam:

Neste sentido, é significativo o uso antigo deste texto petrino, que se encontra já presente em fins do século II nas obras de Clemente de Alexandria, seguido pouco depois por Orígenes, que alude à “esperança” e também à “fé” (C. Celso VII, 12), continuado por Eusébio e, mais tarde, por Crisóstomo e Cirilo de Alexandria. Será Santo Agostinho – com São Jerônimo – que tomará 1Pe 3,15

3 Este é o texto de 1Pd 3,15: “[...] antes, santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede”.

como referência para o mundo latino – também com o acréscimo sobre a fé – em sua Carta *Ad Consentium* que é como que a primeira obra “sistemática” sobre as relações entre fé e razão. A consagração teológica de tal texto se dará já em pleno século XII, com o nascimento da Escolástica (PIÉ-NINOT, 2009, p. 27).

Em sua pesquisa, Pié-Ninot entende que a Apologética da fé surge desde a época da Patrística⁴, mas é precisamente na Escolástica que vai surgir o famoso adágio “*fides quaerens intellectum – a fé que procura compreender*” (Santo Anselmo, *Proslógion* c. 1., *apud*: Pié-Ninot, 2009, p. 28), com Anselmo de Cantuária († 1109), Tomás de Aquino († 1274) e Boaventura de Bagnoregio († 1274), além das diversas Sumas Teológicas que surgem nestes séculos XII e XIII. Pié-Ninot vai afirmar que, este adágio, infelizmente, é prejudicado pelo Nominalismo do franciscano inglês, Guilherme de Ockham (1285-1349)⁵, que procura taxar este clássico adágio como uma “via antiquada”, e optar por uma “via moderna”, baseada no Positivismo e no Historicismo da fé. Mais adiante, este entendimento de Ockham se evidenciaria como pano de fundo das posições de Martinho Lutero, especialmente do *sola fide*.⁶ Tal ensejo vai motivar o surgimento da Apologética clássica, quando da Contrarreforma. É por este motivo que a disciplina, conhecida depois como *Teologia Fundamental*, inicialmente seria chamada de

4 A propósito dessa consideração histórica inicial que aponta os Padres ditos *Apologistas* como aqueles que defendiam o Cristianismo das mais adversas situações, também o teólogo Libânio, em consonância com a afirmação de Pié-Ninot, destaca uma máxima de Santo Agostinho († 430): “*Intellige ut credas, crede ut intelligas*” – Entende para que creias, crê para que entendas” (AGOSTINHO, *Sermones* 43,9, *apud* LIBÂNIO, 2014, p. 57). Esta afirmação, sem dúvidas, já representa a ideia do uso da razão para a plena compreensão da fé e, vice-versa; ou seja, o uso da fé para melhor compreender a razão, que será retomada posteriormente pela Escolástica.

5 Também o teólogo Böttigheimer corrobora desta afirmação, ao afirmar que “o pensamento teológico [...] de Guilherme de Ockham [...] distingue rigorosamente entre revelação e fé, de um lado, e razão e conhecimento, de outro. Essa distinção determina a liberdade e onipotência absolutas de Deus (voluntarismo) e a noção do *deus absconditus*, de um Deus absolutamente diferente de tudo” (BÖTTIGHEIMER, 2014, p. 62).

6 Sabe-se que o princípio do *sola fide* é um pilar basilar do Protestantismo, no qual Lutero enfatizava ser necessária somente a fé (*sola fide*) para se alcançar a salvação, em detrimento da graça de Deus. Os outros dois princípios do Protestantismo foram “somente a graça” (*sola gratia*), em detrimento da caridade; e “somente a Escritura” (*sola Scriptura*), em detrimento da Tradição Oral, para a justificação e salvação do fiel.

Apologética. Por isso, pode-se dizer que esta disciplina é considerada como possuidora de uma origem relativamente recente⁷.

Segundo Pié-Ninot, a Apologética, como era chamada, recebe grande impulso no contexto da época do Iluminismo (do século XVII ao XIX), movimento que foi visto como o início de uma transformação mundial em que se buscava mudar radicalmente o pensamento vigente e o agir dos homens, bem como, das instituições sociais e do Estado:

Com o Iluminismo, o Ocidente deixa de ser inequivocamente cristão para emergir com tendências do tipo “deísta” – quer dizer, de um Deus meramente natural –, e sucessivamente, com uma tomada de posição filosófica e científica de cunho ateu ou, ao menos, agnóstico. Desta forma, se produz grande ruptura e contraposição entre o universo religioso, por um lado, e o universo cultural, por outro, de modo que quando se faz referência à transcendência, logo se questiona a autonomia da razão crítica. Neste sentido, o título e a obra de E. Kant (1724-1804) é emblemática: *A religião dentro dos limites da razão* (1793), como a realização da religião seguindo o insistente convite do Iluminismo: *Sapere aude!* (*Atreve-te a pensar!*, quer dizer, tenha coragem de usar a cabeça), convite este que, depois, assumirá um tom muito mais ameaçador nas páginas do pai do Ateísmo de massa, L. Feuerbach (1808-1872) (PIÉ-NINOT, 2009, p. 32).

A crise parecia se agravar. Alguns teólogos apontam os chamados libertinos e ateus do século XVII como aqueles que requerem um grande esforço por parte da Apologética para demonstrar a necessidade da religião e do próprio Cristianismo (cf. LIBÂNIO, 2012, p. 34-35). Destacam, ainda, o século XVIII com o surgimento dos deístas e enciclopedistas que também exigirão grande movimento em defesa da fé onde “Deus é o grande arquiteto e engenheiro. Qualquer revelação histórica ou atividade de Deus para além da criação perturbaria o

7 Libânio destaca o surgimento da Apologética também no início da modernidade, como o “resultado de uma exigência histórica contra os adversários da fé católica”, mesmo já havendo nesta época, de modo ainda discreto, o perigo do ateísmo, que se acentuará posteriormente (LIBÂNIO, 2012, p. 33). Ele destaca que, neste contexto, já se notava a Apologética surgindo com o foco voltado diretamente para a defesa da Igreja Católica, procurando evidenciá-la como a única verdadeira Igreja, em contraposição às outras confissões e denominações cristãs, que surgiam como frutos da Reforma Protestante.

curso do mundo e deporia contra a perfeição da criação e, em última instância, contra o próprio Deus criador” (LIBÂNIO, 2012, p. 35).

Contudo, como sempre a partir de uma crise brotam grandes reações, dessas crises é despontado um aprofundamento sobre a Revelação de Deus, com o surgimento de diversos tratados sistemáticos que acarretaram a criação de uma nova disciplina: a Apologética da religião e da revelação. Assim sendo, Pié-Ninot atesta que uma nova apologética foi iluminada pela crítica de Kant: “Seu dualismo entre a razão especulativa e a razão prática, chega a ser o eixo filosófico para muitos apologistas do séc. XIX, especialmente protestantes” (2009, p. 33). Ele afirma, ainda, que os teólogos Johann Sebastian von Drey (1777-1853) e Giovanni Perrone, S.J. (1794-1848) podem ser considerados como os **fundadores da Teologia Fundamental**. Sobre Drey, iniciador na Escola de Tübingen, escreve Pié-Ninot: “A influência de J. S. Drey e da Escola de Tubinga se fazem sentir e esta nova disciplina, já com o nome de teologia fundamental, foi aparecendo progressivamente. Assim, em Praga, a partir de 1857, surge a primeira cátedra” (2009, p. 34).

Outros teólogos também consideram J. S. Drey como um dos fundadores da Teologia Fundamental. Assim, por exemplo, afirma Böttigheimer:

Esse teólogo é corretamente considerado um dos fundadores da teologia fundamental católico-moderna. Seu objetivo ambicioso era a representação dos temas fundamentais do cristianismo (Deus, fé, Jesus Cristo, Igreja), de tal forma que a divindade do cristianismo factual pudesse ser demonstrada de acordo com os padrões científicos. Nesse aspecto, Drey se orientou pela preocupação legítima do Iluminismo. Ele queria desenvolver uma visão homogênea da verdade, na qual pudessem ser encontradas tanto a verdade da razão quanto a verdade da revelação. Drey partiu da premissa de que “as provas para a origem divina do cristianismo se encontram nele mesmo, nas manifestações que constituem essa origem, e nossa tarefa é, portanto, expor o divino nessas manifestações” (2014, p. 67-68).

O teólogo Sesboüé também corrobora o entendimento sobre o surgimento da Apologética com Drey e a nível teológico, enfatizando os conteúdos básicos da fé católica, sem entrar no campo da dogmática:

Em nível propriamente teológico, a escola de Tübingen, na primeira metade do século XIX, consegue autêntica renovação, como o livro original de Jean Sébastien Drey (1777-1853), que segue o esquema clássico, mas integrando dados da crítica de Kant e do idealismo alemão, contestando também a separação vigente entre naturalismo e sobrenaturalismo. Por outro lado, não deixa de confessar que a apologética não conseguira ainda identificar-se com clareza, numa autodefinição universalmente aceita. O desenvolvimento da apologética clássica constitui, antes de mais nada, uma reação da teologia como tal e não penetra o campo do dogma (SESBOÜÉ; THEOBALD, 2006, p. 173).

Quanto ao outro fundador, o jesuíta Giovanni Perrone, Pié-Ninot atesta que ele publicou o primeiro volume de sua obra⁸, abordando a religião como “fundamento” da teologia com o objetivo de “demonstrar a necessidade e a existência da revelação, já que o Iluminismo promove ‘o divórcio entre a ciência e a fé’, segundo Perrone” (2009, p. 35). Complementa esta afirmação, informando que a influência de Perrone é que predominou no panorama da disciplina que ora nascia, sendo seguida por outros pensadores, dentre eles, os cardeais Newman e Dechamps:

Um pensador como o cardeal J. E. Newman (1801-1890) expressava-se e falava da epistemologia do conhecimento religioso com cautela. Por outro lado, um grupo significativo de teólogos deste século preferiu pautar a razoabilidade da fé sobre a realidade presente na Igreja como sinal – a chamada via empírica –, dentre eles J. Balmes (1810-1848) e o cardeal V. Dechamps (1810-1883) (PIÉ-NINOT, 2009, p. 35-36).

A nova disciplina nascia, assim, com as características fundamentais da Teologia sem entrar em aspectos dogmáticos.

8 O primeiro volume de teologia fundamental publicado por Perrone é *Praelectiones theologicae I: De vera Religione/De locis theologicis* (1835/1841) apud: PIÉ-NINOT, 2009, p. 35.

Dos fundadores até a Constituição Apostólica *Sapientia Christiana*

No final do século XIX, a apologética ganha certo “impulso” com o Concílio Vaticano I (1869-1870) com a Constituição *Dei Filius*, em que a fé e a razão são apresentadas como mutuamente complementares:

E não só não pode jamais haver dissensão entre a fé e a razão, mas elas se prestam mútua ajuda, visto que a reta razão demonstra os fundamentos da fé e, iluminada por sua luz, cultiva a ciência das coisas divinas, enquanto a fé livra e guarda a razão dos erros, enriquecendo-a de múltiplos conhecimentos (DENZINGER; HÜNERMANN, 2007, § 3019, p. 649).

O teólogo Fisichella destaca uma consequência dessa afirmação conciliar, que ele percebe refletida num dos primeiros documentos do pontificado de Leão XIII, a Encíclica *Aeterni Patris*. Destaca que o contexto histórico de tal documento pontifício evidenciava tanto a condenação do racionalismo quanto a do fideísmo. O teólogo aponta para o fato de que “a compreensão leonina da filosofia era essencialmente a de uma ciência em condição de estruturar todas as outras e, em relação à teologia, ela desempenhava um seguro papel apologético do dado revelado” (FISICHELLA, 2015, p. 19). Fisichella aponta que a Teologia se baseava em três pilares: a Escritura, a Tradição e o Magistério; mas que a ausência de estudos abalizados que envolvessem os dois primeiros pilares favoreceu que os manuais apologéticos da época somente focassem o Magistério. Isto é o que Fisichella chama de “teologia do Magistério, que se torna, por isso mesmo, fiador da produção teológica por força do próprio carisma de infalibilidade”, declarada no Vaticano I (2015, p. 20). Ora, desta forma, os documentos produzidos à época pelo Magistério da Igreja, por não poderem contar com uma hermenêutica da Escritura, eram privados de “uma ‘crítica’; ou melhor, ela mesma se tornava ‘crítica’ de toda e qualquer expressão especulativa por força de dupla pretensão: a normatividade da teologia do Magistério e a insuperabilidade do pensamento de Tomás” (2015, p. 20). Essa posição pós-conciliar fará com que a Apologética se

transforme num tratado tripartite, com uma apologética baseada em demonstrações, que passarão a ser chamadas de *demonstratio*.

Fisichella apresenta cada uma das *demonstratio* da seguinte forma:

1º) a *via histórica*, que essencialmente se reduz a uma *via primatus*, tenta demonstrar com a análise dos textos antigos a continuidade ininterrupta entre a Igreja de Cristo e a católica romana; 2º) a *via notarum* versa sobre o silogismo de acordo com o qual Cristo deu à Igreja quatro notas distintas: uma, santa, católica e apostólica; ora, elas só são encontráveis na Igreja católica; 3º) a *via empírica*, enfim, é aquela proposta ao Vaticano I pelo cardeal Deschamps, que, abandonando toda e qualquer análise histórica que pudesse suscitar contestação, escolhe a via que mostra a Igreja em si mesma como um milagre divino que permanece nos séculos, o que atesta sua origem divina” (2015, p. 22 et. seq.).⁹

Contudo, Fisichella destaca que tais demonstrações assumem dois papéis antagônicos, embora complementares: um, que é de defesa das argumentações teológicas; e outro, no polo oposto, que é o de ataque às posições contrárias (cf. 2015, p. 23).

Seguindo na mesma linha, Pié-Ninot afirma que a definição do Vaticano I serviu de base para os manuais apologéticos posteriores, especialmente do início do século XX, na demonstração para a defesa da fé católica, mediante as três vias demonstrativas, as *demonstratio*. Este modo de proceder com as “demonstrações” sobre a fé católica, fortalece, ainda mais, a disciplina da Teologia Fundamental, com vários tratados e manuais dogmáticos que surgem nesta época que visavam “justificar epistemologicamente sua posição, tanto a respeito da

9 Também Böttigheimer corrobora as três funções da Apologética apresentadas por Fisichella, numa exposição mais didática: “*Demonstratio religiosa*: a demonstração da necessidade da credibilidade da religião como um todo se dirige contra os ateus. Primeiramente, deve ser comprovada (*demonstratio*) a existência de Deus e, com isso, a racionalidade da religião. A religião era primariamente compreendida como adoração de Deus na forma do culto e na base do temor a Deus. *Demonstratio christiana*: após a execução bem-sucedida da *demonstratio religiosa*, cabia agora demonstrar que a religião cristã é a forma de adoração verdadeira e melhor, i.e., desejada por Deus. A demonstração da credibilidade da revelação bíblica se dirige contra os judeus e muçulmanos. Para tanto, era necessário concentrar-se em Jesus Cristo, i.e., provar que Jesus, como filho de Deus, é o mediador da revelação divina. *Demonstratio catholica*: após os dois primeiros passos, faltava ainda provar, ante as heresias e os cismas dentro do cristianismo, que a Igreja Católica é a forma verdadeira da religião cristã que remonta a Jesus Cristo. O cristianismo verdadeiro é representado pela *ecclesia catholica*. Implícita ou explicitamente, os cristãos de outras confissões são vistos como verdadeiros adversários” (2014, p. 65).

filosofia como em relação à teologia dogmática” (PIÉ-NINOT, 2009, p.37). O teólogo prossegue afirmando que tais características dessa apologética neoescolástica acabam por combater o próprio caráter deísta da Apologética dominante¹⁰, tão em voga desde o Iluminismo, evidenciando-se a importância e a manifestação de Deus aos homens mediante a Revelação divina em si, que foi apresentada separadamente do seu conteúdo. Outra característica da apologética neoescolástica, diz o teólogo, é a pretensão em se dar uma “demonstração racional rigorosa”, devido à influência do Iluminismo e das tendências positivistas sobre as Ciências Naturais (2009, p. 38).

Com seu conhecimento, Pié-Ninot enfatiza o que ele chama de uma “apologética da imanência”, citando diversos autores internacionais de renome, e, por outro lado, o que ele chama de “apologética transcendente”, também mencionando seus respectivos autores de destaque. Vejamos o que ele diz:

[Fala-se de uma] “apologética da imanência”, iniciada por M. Blondel (1861-1949) e seu grande influxo, apesar da polêmica “antimodernista”, tal como se pode destacar na “Nouvelle Theologie” francesa (H. de Lubac, H. Bouillard. Y. Congar...) e na “teologia transcendental” sobretudo alemã (J. Maréchal, A. Marc. K. Rahner, J. Lortz, E. Coreth e o canadense B. Lonergan...). Por sua vez, em paralelo, J. Maritain e E. Gilson, com seu neotomismo, fazem da filosofia uma forma apologética. Deve mencionar-se também o influxo da filosofia personalista (M. Buber, É. Mounier, J. Monroux...), da nova exegese católica (graças à Encíclica *Divino Afflante Spiritu* de 1943 e com a primeira edição da “Bíblia de Jerusalém” em 1955...) e o início de uma dogmática da revelação graças à teologia dialética protestante iniciada por K. Barth (1886-1968), com R. Guardini,

10 Deísmo (do latim *deus*: Deus): [é o conceito de Deus no qual] existe um único ser supremo, espiritual e pessoal, que criou o mundo com as suas leis; mas esse Deus não intervém na sua criação. Não há uma revelação sobrenatural (através do Filho de Deus Encarnado). INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WUERZBURG, 1975, vol. 1 (n. 15), p. 173-175, apud: KONINGS; ZILLES, et al., 1997, p. 64.

W. Bulst, Y. Congar, E. Schillebeeckx, É. Dhanis, R. Latourelle, B. Xiberta... (PIÉ-NINOT, 2009, p. 39).¹¹

No Concílio Vaticano II (1962-1965), percebe-se o grande destaque que se dá ao tema da Revelação mediante a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, que parte da revelação de Cristo segundo um método histórico e teológico. Fazendo uma comparação com o Vaticano I, Pié-Ninot observa que, na *Dei Verbum* (DV) n. 6 do Vaticano II, tal como na DV 3, inverte-se a ordem, situando “em primeiro lugar, o ‘conhecimento de Deus pela Revelação’ [cf. DH 3005], e pondo em segundo lugar ‘o conhecimento natural de Deus’ [cf. DH 3004], mostrando, assim, o primado da revelação e o momento interior que representa o conhecimento ‘natural’” (2009, p. 40-41)¹².

De qualquer forma, ainda que o Vaticano II não tenha se referido diretamente à Teologia Fundamental ou à Apologética, Pié-Ninot destaca a contribuição deste Concílio para uma série de atitudes posteriores na Igreja, “tais como, o diálogo, o serviço, a conversão, a busca de sentido, e uma série de perspectivas sobre a revelação, como são a centralidade absoluta de Cristo, a personalização dos sinais de credibilidade, a busca de sentido do homem e de seus problemas” (2009, p. 41-42). Sem dúvida, tais atitudes caracterizam a essência da disciplina Teologia Fundamental. Porém, o fato é que, após o Concílio, esta disciplina não aparece nas publicações teológicas dos diversos planos de estudo, muito embora tenha se desmembrado em múltiplos tratados e em outras disciplinas. Por exemplo, Pié-Ninot destaca o surgimento de um tratado sistemático sobre a Igreja, a chamada *Eclesiologia Dogmática*, como uma dessas

11 Fisichella corrobora Pié-Ninot ao mencionar a “apologética da imanência” de Blondel e dois documentos Magisteriais que intervêm na temática: “Compreende-se facilmente, pois, como em semelhante concepção o método de “imanência” apresentado por Blondel, por exemplo, ou o histórico assumido pelos autores do modernismo, ou ainda o exegético-hermenêutico posto em prática pela *nouvelle theologie* não pudessem encontrar lugar nesta teologia, que, antes, exprimia de maneira absolutamente clara sua aversão a tudo isso. Para uma correta compreensão das repetidas intervenções do Magistério, com as encíclicas *Lamentabili* e *Pascendi* de Pio X e a *Humani generis* de Pio XII, devem-se inseri-las nesse horizonte teológico todo especial” (2015, p. 23).

12 Neste sentido, o teólogo Fisichella faz uma oportuna observação ao reconhecer que a Teologia Fundamental se colocou por longo tempo no meio da polêmica, procurando a defesa da fé contra o racionalismo e se esquecendo dos seus próprios destinatários, os crentes e “cada um que pedia razão da esperança cristã” (FISICHELLA, 2015, p. 31). Segundo ele observa, a apologética ficou enfatizando por demais os erros dos outros. Por outro lado, destaca que, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), ocorre uma verdadeira mudança de postura, como sinal de renovação da Igreja que se preocupa com o mundo. Ou seja, o Concílio como um todo, em seus vários documentos, sinaliza a uma mudança de postura na ação evangelizadora da Igreja, com a promoção e facilitação de um maior diálogo e na busca por mais atenção às situações em vista de um encontro com todos.

disciplinas, além de uma parte ter sido confiada à “Cristologia (no tocante à divindade de Cristo), outra à Exegese (a história dos Evangelhos) e o resto à Filosofia da religião e à História das religiões. Outra parte, como o tema da tradição e da inspiração, se situou na Introdução à teologia” (2009, p. 42). Portanto, observa-se, nesta fase, a grande dificuldade pela qual passou a Teologia Fundamental depois do Vaticano II onde, segundo Pié-Ninot, “se pode compreender melhor esta etapa como a grande transição entre a Apologética clássica e a lenta articulação de diversos elementos para construir uma nova disciplina” (2009, p. 43).

Evidenciando esta transição, Pié-Ninot destaca cinco grandes tendências que enfatizam um ou outro aspecto mais relevante da nova disciplina que ora surgia.

A primeira tendência é a que considerava uma continuidade da Apologética clássica como disciplina anterior à Eclesiologia Dogmática, tendência esta percebida logo nos primeiros anos do pós-concílio. A obra clássica que caracteriza esse período foi a “dos jesuítas M. Nicolau e J. Salaverri, *Theologia Fundamental: Sacrae Theologiae Summa I* (BAC, Madrid 1950), [...] dadas suas cinco edições, com uma venda de 62 mil exemplares até o ano 1970” (2009, p. 43), que, segundo Pié-Ninot, foi o manual latino mais divulgado. Aliás, ele acrescenta que, a referida obra recebeu de K. Rahner, o comentário é de que “no mundo não há nenhuma Teologia Fundamental que supere esta ‘Suma’”.¹³ Enquanto isso, na própria Alemanha, foram destaques neste mesmo período, as obras de A. Kolping¹⁴ e A. Lang¹⁵, as quais se referiam àquelas três clássicas demonstrações (*religiosa, christiana e catholica*).

A segunda tendência mostrava a Teologia da Revelação como um tratado dogmático, ou seja, a realidade primeira do Cristianismo como Teologia Fundamental. De fato, a palavra “revelação” toma um impulso no pós-concílio, especialmente com a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, a qual acaba se tornando “a carta magna da Teologia Fundamental” (2009, p. 44). Pié-Ninot destaca, ainda, que “essa apresentação dogmática da Revelação supôs um importante avanço para superar o deísmo e mostrar, por sua vez, que a religião natural

13 “Transcrito por M. Nicolau. In: Madrid: *Estudios Eclesiásticos*, 1942ss, 56 (1981) 280-283.282”, *apud* PIÉ-NINOT, 2009, p. 43, nota de rodapé 29.

14 KOLPING, A., *Fundamentaltheologie I*, Münster 1968 e seus dois outros volumes, II (1974) e III/1 (1981), cuja segunda parte não foi publicada, *apud* PIÉ-NINOT, 2009, p. 44, nota de rodapé 32.

15 LANG, A., *Teologia Fundamental I* (1961), Madrid, 1970 e parte II (1957), Madrid, 1967, *apud* PIÉ-NINOT, 2009, p. 44, nota de rodapé 33.

não basta para dar resposta aos grandes questionamentos do homem” (2009, p. 45).

A terceira tendência é aquela que mostra a Teologia Fundamental como apologética da imanência, como já mencionado, encontrada em Blondel (1861-1949) e em vários outros autores, tais como K. Rahner,¹⁶ J. Lacroix,¹⁷ J. B. Metz,¹⁸ que se referiam a Blondel como “um autor de renovação” (2009, p. 46).

Como quarta tendência da Teologia Fundamental, destaca-se uma análise do homem como ouvinte da palavra, segundo “a obra de K. Rahner que centra a atenção numa análise da ‘*potentia oboedientialis*’ do homem à livre revelação de Deus”¹⁹. Como ouvinte da Palavra de Deus, o ser humano assume uma posição de expectativa para ouvir o Evangelho. Essa tendência pode ser entendida, nas palavras de Pié-Ninot, como uma “propedêutica filosófica ou axiomática da teologia, compreendida como um *praeambulum fidei* formal que há de mostrar a verdade da existência humana como ordenada a Deus” (2009, p. 47).

A quinta e última tendência observada pelo teólogo é a que apresenta a Teologia Fundamental prática como a teologia comum no mundo, enfatizada por J. B. Metz em sua obra *La fe en la historia y en la sociedad* (METZ, p. 22, *apud* PIÉ-NINOT, 2009, p. 46, nota de rodapé 55). Segundo ele, esta tendência de Metz encontrou uma expressiva rejeição no meio teológico, e como tal, cita como exemplo a H. Zahrnt que “denuncia o caráter ‘sócio-teológico’ desta teologia que rotula ao Deus cristão de ‘Deus útil’”²⁰. Na verdade, ele afirma que essa tendência de Metz acaba por se desdobrar em diversos aspectos, especialmente na Teologia da Libertação, pois “já não se tratava de uma teologia fundamental, mas de uma teologia da missão da Igreja” (2009, p. 48).

Apesar de todas essas tendências que procuraram dar algum destaque à Teologia Fundamental, esta disciplina só volta a ser explicitamente citada como uma disciplina teológica cerca de quatorze

16 RAHNER, K., *Handbuch der Pastoral Theologie II/1*, Freiburg 1966, 81-196, *apud* PIÉ-NINOT, 2009, p. 46, nota de rodapé 41.

17 LACROIX, J., *Le Désir et les desirs*, Paris, 1975, *apud* PIÉ-NINOT, 2009, p. 46, nota de rodapé 46.

18 METZ, J. B., *La fe, en la historia y la sociedad*, (1977), Madrid, 1979, *apud* PIÉ-NINOT, 2009, p. 46, nota de rodapé 47.

19 RAHNER, K. *Höer des Wortes*, 1963, edição por J. B. Metz, *Oyente de la Palabra*, Barcelona, 1967, *apud* PIÉ-NINOT, 2009, p. 46, nota de rodapé 52.

20 H. ZAHRT, *Dieu ne peut pas mourir. Contre les fausses alternatives dans l'Église et dans la société*, Paris 1971, *apud* PIÉ-NINOT, 2009, p. 48, nota de rodapé 56.

anos depois, quando da promulgação da Constituição Apostólica *Sapientia Christiana* (29/04/1979).

Da *Sapientia Christiana* à Carta Encíclica *Fides et Ratio*

Antes de abordarmos sobre esta Constituição Apostólica, cabe ressaltar que a teóloga alemã Burggraf observa que o termo “teologia fundamental” já havia sido citado três anos antes da *Sapientia Christiana*, num documento da Sagrada Congregação para a Educação Católica sobre *A formação teológica dos futuros sacerdotes*, de 22 de fevereiro de 1976. Neste documento, a disciplina de Teologia Fundamental aparece mencionada da seguinte forma: “todas as matérias teológicas pressupõem a teologia fundamental como base do próprio procedimento normal (II, 6)” (BURGGRAF, 2005, p. 16-17). Porém, a mesma teóloga adverte que “o documento de 1976 passou bastante despercebido, talvez porque pouco depois apareceu uma nova regulação dos estudos eclesiásticos” (2005, p. 17). Esta nova regulação a que se refere Burggraf é a Constituição Apostólica *Sapientia Christiana* de 1979. Deste modo, pode-se considerar o lapso de tempo de fato de quatorze anos desde o Concílio Vaticano II, em que um documento faz menção específica à disciplina de Teologia Fundamental. Isso faz com que a Constituição Apostólica *Sapientia Christiana* seja considerada o primeiro documento solene do Magistério da Igreja sobre a disciplina de Teologia Fundamental depois do Concílio. Sem dúvida, um marco em sua história.

No tocante a esta Constituição, a Sagrada Congregação para a Educação Católica no artigo 51 das Disposições para a Exata Aplicação da *Sapientia Christiana* (promulgada por S. João Paulo II), sobre as Universidades e Faculdades Eclesiásticas, ao mencionar as disciplinas teológicas, as identifica com o diálogo no ecumenismo, com as religiões não cristãs e com o ateísmo. O referido artigo assim proclama:

As disciplinas obrigatórias são:

1º) no primeiro ciclo:

- a) as disciplinas filosóficas requeridas para a Teologia, quais são sobretudo a Filosofia sistemática, com as suas partes principais e a sua evolução histórica;
- b) as disciplinas teológicas, ou seja:

- a Sagrada Escritura: introdução e exegese;
- a **Teologia fundamental**, com referência também às questões respeitantes ao ecumenismo, às religiões não cristãs e ao ateísmo [...].²¹

É interessante observar o contexto em que tal documento foi promulgado. Nesta época, segundo o teólogo R. Fisichella, a Apologética se encontrava num momento de apreensão, imersa em meio polêmico e, às vezes, intolerante, mas, ainda, não deixava de ter seus méritos, servindo para “falar a gerações de estudantes de maneira clara e essencial” (2015, p. 27). Desta forma, mesmo estando em meio a um contexto de incertezas culturais daquela época, a Apologética como Teologia Fundamental soube manter sua unidade essencial e ser útil aos estudantes. É certo que nem mesmo o Vaticano II chegou a mencionar a Teologia Fundamental nominalmente, apesar de todo o movimento em prol da Revelação, como já anteriormente mencionado. Contudo, a *Sapientia Christiana* atinge o esperado ao fazer com que a Teologia Fundamental seja notada e, posteriormente, estudada por grandes teólogos.

Segundo Pié-Ninot, surgem, então, duas grandes escolas, não opostas no estudo, mas complementares: uma de caráter mais epistemológico, que provém da concepção de credibilidade; e outra, mais sistemática, que estrutura e provê os conteúdos dessa disciplina (2009, p. 49 *et. seq.*). A primeira escola da Teologia Fundamental baseia-se numa “teologia da credibilidade da Revelação” e tem como expoente a escola italiana, com destaque principal para a Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e seus grandes nomes: René Latourelle, e seu então patrocinador, Rino Fisichella. A outra, mais pautada nas questões próprias dos tratados sobre a Religião e a Igreja, portanto, mais sistemática, provém da escola alemã de teólogos das Faculdades de Teologia de Tübingen e de Freiburg. Esta escola de Teologia esquematiza os tratados sobre a Religião e a Igreja por meio de três demonstrações, tipicamente conhecidas como *monstratio Religiosa*, *monstratio Christiana* e

21 CARD. GABRIEL-MARIE GARRONE; ANTONIO M. J. ORTAS, *Disposições da Sagrada Congregação para a Educação Católica para a exata aplicação da Constituição Apostólica Sapientia Christiana*. Segunda Parte. Título I: Normas Especiais, Art. 51. 29 abr. 1979, *apud*: JOÃO PAULO II, 1979 (grifo nosso).

monstratio Catholica, conforme já mencionadas (2009, p. 53 *et. seq.*).

Na *monstratio Religiosa* se observa certa influência do pensamento de M. Blondel, através de uma dimensão antropológica da teologia contemporânea e, por outro lado, com J. Alfaro, numa dimensão mais transcendental. Outro eixo dessa vertente é o que considera a Teologia Fundamental como o estudo da teologia das religiões em relação a Cristo, assumindo ainda uma característica mais exclusiva, eclesiocêntrica; ou inclusiva, cristocêntrica; ou, ainda, de forma mais abrangente e pluralista, teocêntrica.

Na *monstratio Christiana*, vê-se a revelação de forma mais concreta do que na visão anterior, pois a revelação se dá por meio de Jesus Cristo, Revelador e Revelação em Si mesmo. A escola alemã acrescenta seus aspectos cristológicos com as contribuições de Karl Rahner, H. Urs von Balthasar e Walter Kasper, além da sistematização de Peter Hünermann, apoiados, sem dúvida, também pela escola italiana da Pontifícia Universidade Gregoriana com os tratados de R. Fisichella, G. O'Collins, J. Dupuis e A. Valls. Nessa demonstração, destaca-se também a síntese acadêmica sobre a Revelação na teologia protestante do teólogo W. Pannenberg que, na avaliação de Pié-Ninot, é “a melhor obra da teologia evangélica da segunda metade do século XX” (2009, p. 56).

Finalmente, na *monstratio Catholica* é onde se registram algumas diferenças no pensamento teológico até então. A escola alemã expõe um extenso e articulado tratado sobre a Igreja numa perspectiva teológico-fundamental, enquanto a escola italiana vai se restringe mais ao senso da fé por si mesma. Também se destacará nessa perspectiva, uma reflexão eclesiológica de viés ecumênico, onde volta à tona o aspecto apologético clássico pela ênfase nas quatro notas da Igreja, especialmente destacado por Yves Congar, na obra *Myterium Salutis*²². O tema da missão da Igreja também é destacado como um projeto de teologia fundamental prática mencionado por J. B. Metz. Em adição a este particular, situam-se alguns autores latino-americanos formadores da teologia da libertação, em que se destaca o brasileiro J. B. Libânio com sua obra *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. Segundo o que Pié-Ninot mesmo atesta ser “nossa contribuição mais

22 Yves Congar e Pietro Rossano são autores colaboradores sobre o tema *Propriedades Essenciais da Igreja* na obra conduzida por FEINER; LOEHRER, 1981, vol. IV/3.

significativa que toca a identidade mesma da teologia fundamental” (2009, p. 59), ele demonstra que a *monstratio Catholica* não é somente um tratado sobre a Igreja Católica, mas um marco importante, talvez por seu aspecto global que, portanto, pode ser tido como o tratado mais significativo da Teologia Fundamental onde dá ênfase à categoria “testemunho” (2009, p. 59).

Depois desse período, outro evento importante ocorreu; no ano de 1995, na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma, foi realizado o Congresso Internacional de Teologia Fundamental, o qual acarretaria, depois, a Encíclica *Fides et Ratio* de João Paulo II, grande marco nesta caminhada.

O Congresso converge em três conclusões finais. Primeiramente, conduz a um aprofundamento hermenêutico da *Dei Verbum*, do Vaticano II, à luz da *Dei Filius* do Vaticano I, e tem como expoente o teólogo A. Gonzáles Montes, além de uma reflexão sobre o tema da fé feita por Rino Fisichella. Num segundo momento, o próprio Salvador Pié-Ninot, também participante deste Congresso, apresentou as duas correntes principais da Teologia Fundamental: a escola alemã, para a qual a Teologia Fundamental é vista como a “teologia dos fundamentos”; e a escola italiana, da Universidade Gregoriana, para a qual a Teologia Fundamental é a “teologia da credibilidade”; ambas já anteriormente mencionadas. A terceira conclusão a que chega o Congresso procurava estabelecer um nexó entre a Teologia Fundamental e a Teologia Dogmática, onde se registram as contribuições de M. Seckler, as quais, segundo Pié-Ninot, procuram definir o escopo da disciplina Teologia Fundamental, que estava no centro da discussão do Congresso. Afirma ele:

A Teologia Fundamental argumenta para mostrar que as estruturas fundamentais do Cristianismo têm plausibilidade verdadeira e que, portanto, não evitam a pergunta pela verdade própria do discurso filosófico. Por outro lado, a Teologia Dogmática argumenta sempre para mostrar que aquilo em que se crê, expressa a fé da Igreja e que, portanto, o sentido de uma verdade que se crê está de acordo com a fé da Igreja (PIÉ-NINOT, 2009, p. 60-61).

Os frutos positivos do Congresso firmam um ponto comum no entendimento da Teologia Fundamental às portas do terceiro milênio e por preparar o caminho para a grande Encíclica *Fides et Ratio* (FR), que vem a lume três anos após o Congresso.

Da *Fides et Ratio* até nossos dias

Quase vinte anos depois da *Sapientia Christiana*, a Carta Encíclica *Fides et Ratio* (14/09/1998) de João Paulo II, vai tratar da missão particular da Teologia Fundamental. Esta encíclica traz definições na temática desta disciplina, a começar das primeiras palavras da introdução do documento, ao unir fé e razão numa centralidade sem igual, situando-as exatamente no meio dos extremos do Fideísmo por um lado, e do Racionalismo, por outro²³. O documento apresenta a definição da disciplina:

A teologia fundamental, pelo seu próprio caráter de disciplina que tem por função dar razão da fé (cf. 1Pd 3,15), deverá justificar e explicitar a relação entre a fé e a reflexão filosófica [...]. A teologia fundamental deverá manifestar a compatibilidade intrínseca entre a fé e a sua exigência essencial de se explicitar por meio de uma razão capaz de dar com plena liberdade o seu consentimento (FR 67, in: JOÃO PAULO II, 2002, p. 89-90).

Esta é a afirmação mais enfática do Magistério da Igreja sobre a Teologia Fundamental feita até então. Por conseguinte, as afirmações da encíclica orientam na elaboração eficaz de uma disciplina teológica que assume como centro a Revelação de Deus e o consequente ato de fé por parte do cristão, possibilitando-o com mais ênfase, “dar razões da fé”. Pié-Ninot explica que a definição da Teologia Fundamental, de certa forma, completa o que já a Constituição *Sapientia Christiana* queria dizer (sem tê-lo feito explicitamente), e acrescenta que, agora, a Teologia Fundamental pode ser vista como uma ciência enquanto reflexão sistemática. Ele apontará ainda para três tarefas dessa disciplina.

23 “A fé e a razão [*fides et ratio*] constituem como que duas asas pelas quais o espírito humano se eleva até a contemplação da verdade” (FR, introdução, In: JOÃO PAULO II, 2002, p. 5).

A primeira corresponde diretamente ao texto bíblico de 1Pd 3,15, isto é, ao ato de “dar razão da vossa esperança”, aqui entendido no sentido de “dar razão da fé”. Por isso, Pié-Ninot afirma que, em seu sentido clássico, a *Fides et Ratio* é verdadeiramente a **Carta Magna** da Teologia Fundamental (2009, p. 64).

Na segunda tarefa, Pié-Ninot explica que a relação entre a fé e a reflexão filosófica deve ser entendida pela própria expressão de “dar razão da fé”, no sentido de justificar, de dar uma explicação, tema central dos primórdios da Teologia Fundamental — ainda entendido como Apologética e ciência da escolástica medieval. Aliás, já Santo Tomás de Aquino se referia a esta tarefa quando demonstrava os preâmbulos da fé, ditos *praeambula fidei* como forma de “dar a conhecer por meio de comparações [*aliquas similitudes*] o que pertence a fé’ e ‘opor-se ao que se diz contra a fé, manifestando que é falso o que não é necessário’ [*In: Boeth. de trin. q.2.a.3*]” (2009, p. 65).

Finalmente, a terceira tarefa é o estudo da Revelação e sua credibilidade como ato de fé. Pié-Ninot expõe que essa é a característica principal dessa disciplina, pois a palavra “credibilidade” sugere um “caráter habitual de oferta dialogal [...] que mantém uma significativa força missionária”, ou seja, uma força própria do Evangelho mesmo (2009, p. 66). A razão da fé é explicada mediante o diálogo. Daí, pode-se observar a importância da característica de ser dialogal e da relação do diálogo com a missão.

Pié-Ninot explica ainda que “o estudo da Revelação tipifica o objeto material desta nova disciplina surgida no alvorecer da modernidade [...], com uma parte teórica e uma parte histórico-prática” (2009, p. 66). Destaca que a Teologia Fundamental, assim, se desprende um pouco mais do seu caráter apologético, mais conhecido e divulgado, para assumir um “enfoque positivo-fundante de caráter intrateológico a fim de garantir os princípios da teologia e da fé” (2009, p. 66). É interessante observar o que o teólogo mostra nesse sentido, de que o caráter teológico-fundamental foi mais evidenciado pela teologia protestante, em paralelo ao caráter apologético-fundante enfatizado mais pela teologia católica. E aí está precisamente o detalhe importante: esses dois pontos de enfoque foram aos poucos se combinando em prol da evidência da revelação de Deus. Pois, se por um lado, no Vaticano II, o mistério cristão de salvação vem expresso pelo conceito de Revelação – como a autocomunicação de Deus

aos homens –, progressivamente, se dá um destaque para o antigo sentido apologético, mas, desta vez, num enfoque bem mais teológico do que antes, ou seja, “*a partir de uma releitura da categoria de ‘credibilidade’*” (2009, p. 67). Arremata Pié-Ninot:

As indicações da Encíclica sobre o objeto material da teologia fundamental podem orientar até uma disciplina teológica que assume como centro a Revelação e o correspondente ato de fé a partir da perspectiva da credibilidade. Tal orientação acarretará logicamente tanto um estudo histórico-sistemático da Revelação, como uma epistemologia própria como expressão do “dar razões da fé”. A tal dupla dimensão se poderá qualificar, a primeira, como função fundacional-hermenêutica – em chave de uma Teologia Fundamental “dogmático-fundamental – e a segunda, como função dialogal-contextual – em chave de uma Teologia Fundamental “apologético-fundamental” (2009, p. 68).

Deste modo, a Carta Encíclica *Fides et Ratio* se torna um marco histórico significativo para a promoção da Teologia Fundamental. É notório que tanto o referido Congresso Internacional de Teologia Fundamental quanto a *Fides et Ratio* trouxeram bons resultados à disciplina da Teologia Fundamental, especialmente evidenciadas pelas duas escolas teológicas de renome: a italiana e a alemã. Ambas tiveram, posteriormente, a oportunidade de aprofundar seus estudos na nova disciplina e gerar, como fruto de suas pesquisas, várias publicações de renomados autores. Pié-Ninot menciona alguns destes expoentes que publicaram obras relacionadas à Teologia Fundamental, posteriores à FR e compreendidas no período entre 1988 e 2000: a) na escola alemã, H. Verweyen, K. Müller, G. Essen, E. Arens, J. Meyer-zu-Schlochtern, G. Larcher, H. Wagner, J. Werbick, P. Schmidt-Leukel, H. J. Pottmeyer, M. Seckler e Walter Kasper (cf. PIÉ-NINOT, 2009, p. 68-70); b) na escola francesa, A. Dartigues, C. Duquoc, Cl. Geffré, P. Gilbert, R. Fisichella, M. Leclerc, K. Neufeld, B. Sesboüé, J. Splett, M. Theobald e W. Kern (2009, p. 70-71); c) na escola italiana, B. Forte, P. Giustiniani, G. Reale, G. Lorizio, C. Dotolo, E. Cattaneo e C. Greco (2009, p. 71); d) na escola espanhola, C. Izquierdo, J. A. Sayes, M. Gelabert, A. Jiménez Ortiz, F. Conesa, A. González Montes, J. A. Martínez Camino, J. L. Illanes, J. J. Alemany, L. Lago, L. Oviedo, J. M. Otero, J. Vidal Taléns, X. Quinzá e J. J. Alemany (2009, p. 72-73). Em conclusão às publicações relevantes e com o merecido

destaque, Pié-Ninot menciona a reedição do *Diccionario de Teología Fundamental* ²⁴, dirigido por René Latourelle, Rino Fisichella e pelo próprio Salvador Pié-Ninot, que foi ampliado em sua terceira edição com as contribuições de diversos outros autores espanhóis e latino-americanos, tais como: M. Gelabert, J. de Miguel, A. Jiménez Ortiz, J. M. Rovira Belloso, J. Martín Velasco, A. Gonzáles Montes, J. J. Alemany, J. L. Illanes, O. Ruiz Arenas (Colômbia) e A. Bentué (Chile) (2009, p. 74).

Anos mais tarde, em 16 de outubro de 2008, por ocasião do aniversário de dez anos da publicação da *Fides et Ratio*, o então Papa Bento XVI proferiu umas palavras que estabelecem como que a essência da Teologia Fundamental, o encontro entre fé e razão:

Com este magistério [o da encíclica FR], a Igreja... quis defender a força da razão e sua capacidade de chegar à verdade, apresentando uma vez mais a fé como uma peculiar forma de conhecimento, graças a qual, se abre à verdade da revelação (cf. FR 13). [...] A verdade de Cristo, enquanto toca toda pessoa em busca de alegria, de felicidade e de sentido, supera em muito qualquer outra verdade que a razão possa encontrar. É em torno desse mistério, portanto, que a *fé* e a *razão* encontram a possibilidade real de um caminho comum.²⁵

Mais recentemente, há cinco anos, o Papa Francisco emitiu o que chamou de uma “atualização da *Sapientia Christiana* (1979), [...] considerando o desenvolvimento no campo dos estudos acadêmicos que se registrou nas últimas décadas, bem como mudanças no contexto sociocultural em âmbito global” (FRANCISCO, 2018, p. 7). Trata-se da Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* (08 de dezembro de 2017) sobre as Universidades e as Faculdades eclesiásticas. Neste documento, o Papa ressalta a disciplina de Teologia Fundamental em dois parágrafos. Num deles, na Segunda Parte, em Normas Especiais, Título I sobre a Faculdade de Teologia, o Art. 55, § 1º, inciso “b”,

24 Cf. LATOURELLE; FISICHELLA; PIÉ-NINOT (Dir.), 1992, 1669 p. (3ª edição revisada por Pié-Ninot em 2010). Cabe ressaltar que o Dicionário de Teologia Fundamental em português, recentemente editado no Brasil (LATOURELLE; FISICHELLA, 2017, 2. ed, 905 p.), baseou-se, para sua tradução, na versão anterior do citado dicionário (ou seja, a 2ª edição) sem os acréscimos significativos da nova edição (3ª edição, em espanhol) revista, dirigida e ampliada por Salvador Pié-Ninot que contou com a colaboração de diversos teólogos e que havia sido publicada em 2010 na Espanha.

25 BENTO XVI, *X aniversario della “Fides et ratio”, Enchiridion Vaticanum*, 25, 1724-1730.1725.1729, *apud* PIÉ-NINOT, 2016, p. 49.

ao se referir às disciplinas teológicas obrigatórias, a Constituição menciona e amplia o escopo da disciplina de “Teologia Fundamental, com referência também às questões respeitantes ao ecumenismo, às religiões não cristãs e ao ateísmo, como também a outras correntes da cultura contemporânea” (FRANCISCO, 2018, p. 113). A outra menção à disciplina ocorre no Título II sobre a Faculdade de Direito Canônico, Art. 61, § 1º, inciso “b”, sobre as disciplinas obrigatórias no primeiro ciclo de estudos, onde é mencionada, uma vez mais nesta Constituição, a disciplina de Teologia Fundamental.

Neste breve percurso histórico da Teologia Fundamental que Salvador Pié-Ninot nos apresenta, pode-se perceber toda a evolução pela qual passou em seus desdobramentos de sentido até os dias atuais, isto é, como foi se estruturando de algo um tanto quanto abstrato, da Revelação divina ao homem ouvinte desta Palavra com foco numa “defesa da fé”, para uma concretude da fé do cristão que está presente na Igreja e que atua no mundo. Num arremate final, destaca Pié-Ninot:

Trata-se, portanto, de uma teologia fundamental que encontra seu elemento unificador no tema da *credibilidade* do conjunto da revelação ao homem e à história, a partir do sinal decisivo: Cristo na Igreja. *Credibilidade* baseada na *razoabilidade* da fé, e manifestada na *significação* da Igreja para o mundo e para a história. Assim, se percebe com mais clareza a sua diferença e complementariedade para com a teologia dogmática, a qual se ocupa de cada questão teológica em particular a partir da perspectiva de sua coerência com a fé da Igreja e de sua articulação sistemática (2009, p. 80).

Percebe-se o quanto a Apologética foi se ampliando, segundo o percurso histórico que Pié-Ninot nos conduziu, até poder alcançar o significado atual de uma ampla Teologia Fundamental, com nuances voltadas a fazer com que ela sirva de interface entre as disciplinas teológicas e as fronteiras do diálogo ecumênico e interreligioso, na visão do Papa Francisco. Assim, a Teologia Fundamental hoje se consolida como uma disciplina teológica voltada, sobretudo, à tarefa primordial do diálogo entre a Igreja Católica com os cristãos, os irmãos de outras crenças e o mundo em geral. Em suma, uma ciência teológica focada no diálogo com o outro!

Referências

BÖTTIGHEIMER, Christoph. *Manual de Teologia Fundamental: a racionalidade da questão de Deus e da revelação*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BURGGRAF, Jutta. *Teologia Fundamental. Manual de iniciação*. Lisboa: Diel, 2005.

COMPÊNDIO do Vaticano II: *constituições, decretos e declarações*. Boaventura Kloppenburg (int.). Frederico Vier (coord.). 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

DENZINGER, Henrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral*. Trad. da 40. ed. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *Mysterium Salutis: Compêndio de Dogmática. As Propriedades da Igreja*. Vol. IV/3. Petrópolis: Vozes, 1981.

FISICHELLA, Rino. *Introdução à Teologia Fundamental*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2015 (Coleção IDT).

FRANCISCO, Pp. *Constituição Apostólica “Veritatis Gaudium”*: Sobre as Universidades e as Faculdades Eclesiásticas. 08 dez. 2017. 1. ed. Coleção A Voz do Papa, doc. 205. São Paulo: Paulinas, 2018.

INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WUERZBURG, *Teologia para o cristão de hoje*. São Paulo: Loyola, 1975.

JOÃO PAULO II, Pp. *Carta Encíclica “Fides et Ratio”*: Sobre as relações entre fé e razão. 14 set. 1998. 6. ed. Coleção A Voz do Papa, doc. 160. São Paulo: Paulinas, 2002.

_____. *Constituição Apostólica “Sapientia Christiana”*: Sobre as Universidades e Faculdades Eclesiásticas. 15 abr. 1979. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15041979_sapientia-christiana.html>. Acesso em 21 mar. 2022.

KONINGS, Johan; ZILLES, Urbano (Orgs.) et al. *Religião e Cristianismo*. 7. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. (Dir.). *Dicionário de Teologia Fundamental*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino; PIÉ-NINOT, Salvador (Dir.). *Diccionario de Teología Fundamental*. 3. ed. Madrid: San Pablo, 1992 (revisão feita por Pié-Ninot em 2010).

LIBÂNIO, João B. *Introdução à Teologia Fundamental*. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2012 (Coleção Fé e Realidade, n. 31).

ORTEGA, José L. C.; CARBALLADA, Ricardo de L. (Eds.). *Testimonio y sacramentalidad: homenaje al Profesor Salvador Pié-Ninot*. Salamanca: San Esteban, 2015 (Colección Aljibes n. 4).

PIÉ-NINOT, Salvador. *La Teología Fundamental*. 7. ed. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2009 (Coleção AGAPE, n. 7).

_____. *Teología Fundamental*. Madrid: BAC, 2016 (Coleção “Sapientia Fidei”. Serie de Manuales de Teología, n. 37).

SESBOÛÉ, Bernard (Dir.); THEOBALD, Christoph. *A Palavra da Salvação: séculos XVIII – XX*. São Paulo: Loyola, 2006 (Coleção História dos Dogmas, tomo 4).

Artigo recebido em 10/02/2022 e aprovado para publicação em 10/05/2022

Como citar

CORREIA, Luiz Cláudio Moraes. Teologia Fundamental, uma disciplina voltada ao diálogo: breve percurso histórico na perspectiva de Pié-Ninot. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 159-182, jan./jun. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v21i41-2022-7> Disponível em: www.revistacoletanea.com.br